

PRÉMIO LITERÁRIO GLÓRIA DE SANT'ANNA – 2024

AO AUTOR DO MELHOR LIVRO DE POESIA 1ª EDIÇÃO EM PORTUGAL PAÍSES E REGIÕES LUSÓFONAS

Lista Final

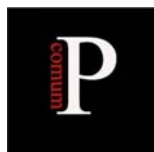
DESCOLONIZAR O SUJEITO POÉTICO de Sara Duarte Brandão - EDITORA URUTAU
“o meu corpo humano”, de Maria do Rosário Pedreira - QUETZAL - GRUPO BERTRAND
ABERTO TODOS OS DIAS, de João Luís Barreto Guimarães - QUETZAL - GRUPO BERTRAND
DESAPARECIMENTO PROGRESSIVO, de José Viale Moutinho - EDITORA EXCLAMAÇÃO
QUE COISA É UM ALGUIDAR?, de J. Carlos Teixeira - EDITORA EXCLAMAÇÃO
TARKOVSKY, de Alberto Pereira - THE POETS AND DRAGONS SOCIETY
“miseriae”, de Ivo Machado - GUERRA & PAZ EDITORES
“enfermaria”, de Ana Paula Jardim - GUERRA & PAZ EDITORES



Júri
Xosé M. Eyré - Crítico Literário Independente - Galiza
Anna Fresu - Escritora e Tradutora - Itália
Jacinto Guimarães - GAC - Portugal
Andrea Paes - Ourives - Portugal
Álvaro Carmo Vaz - Escritor/Professor - Moçambique

GAC - Grupo de Acção Cultural de Válega

O anúncio do vencedor desta 11ª edição será publicado no dia 13 de Maio nas páginas de *Glória de Sant'Anna*, do GAC e dos órgãos de comunicação a seguir referidos. Detalhes sobre o Prémio: <http://gloriadesantanna.wordpress.com/>
<https://gac-valega.com/category/actividades-gac/premio-literario/>



LISETE MELO MOREIRA | MARGARIDA GRACIAS | MARIA FERNANDA MORAIS

CATALOGUS

Caliban

BRUNTA
kilimar
ARTES & LETRAS



Haraldsson

JORNAL DE VÁLEGA

DESCOLONIZAR O SUJEITO POÉTICO, de Sara Duarte Brandão

(Capítulo - II. COLÓNIAS)

Colônia revisitada

Quando chegaram àquelas terras
do lado de lá da prosa
não sabiam o que iam encontrar
o tempo era húmido, as peles escuras
os animais tinham o dobro do tamanho
— desse tamanho sobre eles imaginado —
a língua, essa ferramenta de conquista
de todo o terreno despojado,
não se impôs à dolorosa tentação da palavra
escravidão

Quando os viram chegar à margem dos seus mitos
não reconheceram o infinito olhar do ódio
ergueram-se à ganância sobre eles subjugada
e harmonizaram as vozes num coro futuro

tropical é a garganta
que reconhece o silêncio
como grito de revolta

(p.26)



o meu corpo humano, de Maria do Rosário Pedreira

(capítulo, o meu corpo humano)

pestanda

Na maçã do teu rosto
pousou agora mesmo
um gatafunho. Deve ser

uma palavra triste que o
vento soprou da história
que teceste; ou então

a perna perdida de um *p*,
o que torna mais lento o
meu *perdão* mas leva da

minha boca esse nome tão
feio. Vem cá, mostra – oh,

afinal, é só uma pestana

(p.79)



ABERTO TODOS OS DIAS, de João Luís Barreto Guimarães

(Capítulo - locus amoenus)

O poeta

Foi visto
(diversas vezes) com uma
caneta na mão. Nem
tentava disfarçar. Sentava-se à mesa consigo
(sempre
cingido de livros) e escutem:
o que fazia era
escrever poemas. Sei muito bem o que digo.
Ele fazia poemas. Os outros
passavam ao largo
(fugindo a qualquer pergunta) ele nem
sequer escondia o que ali estava a fazer. Ali
à frente
de todos. Linhas e linhas escritas.
Não se limitava a ler.
Não se limitava apenas a viver a sua vida.
Sei muito bem o
que digo. Aquilo eram
poemas.

(p.22)



DESAPARECIMENTO PROGRESSIVO, de José Viale Moutinho

3

Com as pedras e as águas
os deuses fizeram um rio,
com a lama trabalharam
continuamente a tempestade,

ai o tamanho frio do douro,
tão frio, ai o fogo que mata
no estio, na estação dos medos,

as barcas, afundo-as com gesto
brusco, ardil para me suporem
o arauto dos negros cavaleiros
que hoje atravessam a ponte,

os cavaleiros que escrevem
os seus nomes nas pedras
das varandas destas casas,

(p.79)



QUE COISA É UM ALGUIDAR?, de J. Carlos Teixeira

(Capítulo – II MEDRADO E AMORRINHADO)

Cruzada

Sonho que ardo no campo
vendo clarões ao feudo
enquanto me dizem deus não está enamorado de ti.

Os capacetes dos homens,
as cotas de malha dos rapazes ainda por deflorar.

O frio dos pés na lama como bichos polares,
o calor do ofegar quente do cavalo,
os meus companheiros de guerra
incendiando as águas limpas dos rios.

O lume do inimigo,
o lume do inimigo,
as cruces glaciares que alagam o chão –
senhor, abade,
o frio bárbaro de não ser longe.

(p.53)



TARKOVSKY, de Alberto Pereira

(Capítulo – O SACRIFÍCIO)

3. *Para Pedro Enríquez*

Ninguém sai ileso
de uma claridade prematura.

Este quarto,
insurrecta metáfora
que espreita
a grelha costal do ébano.

O corpo,
alambique de harpas taciturnas.
A pele alumiada
pelas habilitações literárias do gume.

Caducou
a biografia de antídotos
que expatriava o limbo.

Ser agora um homem
na potência crucial da bruma.
Arquivo de mitologias nefastas.
Mapa sem alvéolos.
Hora de ponta
no espaço tumoral.

Tudo é perene
como cavalo de papel rezando no fogo.

(p.p.68,69)



THE
POETS AND
DRAGONS
SOCIETY

miseriae, de Ivo Machado

(Capítulo - as estrelas não estão maduras)

Os tempos não são de mel
mas de contas e prosa
alguns vizinhos cerram janelas
à luz e ao amor de cada rosto
à porta deixo-lhes uma rosa
molhos de salsa, poejos, sal
como vós e eu ou todos nós
rogámos que recusem o medo
não açoitem a rosa
os tempos não são de mel
mas acusar nunca, olhar de perfil
jamais, os salões estão vazios
os sentidos falseados
fujo à piedade dos que vivem só
por nós recusando o mel
dos versos e das rosas.

(p.56)



enfermaria, de Ana Paula Jardim

CINEMATÓGRAFO

Aterras numa sala de cinema pela primeira vez
Com cadeiras de ferro e madeira a cheirar a clorofórmio
Numa plateia improvisada
Ficas a disparar fotogramas com os olhos
Em imagens animadas
No fundo da parede
Dentro de um cinematógrafo
Que trazes na memória
A dar à manivela
E a tua história toda em movimento
Em instantâneos
Como um filme mudo
De Charlot e um miúdo órfão
Como tu.

(p.50)